

Laçarote, o Cavaleiro Trapalhão

Cavalo e cavaleiro aceleravam numa corrida desenfreada¹ rumo² ao infinito.

“Vamos, meu lindo, mais depressa um pouquinho!” incitava³ o valente cavaleiro Laçarote, inclinando-se um pouco para falar mais junto à orelha do seu cavalo.

Passado um minuto a cavalgada terminava e foram diminuindo a velocidade até finalmente pararem. No mesmo instante surgiu um dos criados do valente guerreiro trazendo uma carta acabada de chegar.

“Senhor, uma carta para Vossa Senhoria” disse o criado.

“Bom, bom, deixa-te lá de coisas...” replicou Laçarote, “como sei que vocês são uns cuscos⁴ e leem sempre a minha correspondência, diz-me lá o que vem aí escrito.”

O criado ficou um pouco atrapalhado, mas obediente revelou o conteúdo da carta.

“Senhor, é uma princesa que pede para ser salva das mãos de um perigoso vilão⁵. Está presa na torre de um castelo.”

“Ok, ok, a história do costume” disse Laçarote com ar de enfado, empurrando a testa com as costas da mão. “E onde está ela, meu criado?”

¹ Que parecia não poder parar

² Em direção

³ encorajava

⁴ Que gostam de ver as coisas dos outros sem autorização

⁵ Homem mau

“Diz aqui que está num mundo desconhecido, senhor.”

“Boa!” disse Laçarote revirando os olhos. “Para além de cavaleiro ainda tenho de ser bruxo para adivinhar uma morada que não existe! Princesas mimadas, é no que dá! Santa paciência...”

E continuou:

“Bem, vamos lá cavalinho, espera-nos nova aventura... algures⁶!”

E disto isto, saíram de cima da passadeira rolante onde tinham estado a treinar a sua cavalgada e passaram pelo chuveiro gigante onde os dois tomavam seu duche, com Laçarote sempre montando o seu cavalo.

Após os preparativos partiu para a aventura, incitando o seu cavalo a galopar pela floresta e tornando assim a busca da princesa mais difícil e valorosa⁷, mas acompanhando sempre de perto o caminho que já existia e por onde todos passavam. Sorria para si de vaidade por ter encontrado uma forma tão inteligente de não se perder!

A viagem foi decorrendo sem problemas. Se tirarmos a vez em que ficou pendurado num ramo de árvore que se atravessou no caminho, enquanto as suas botas continuaram a cavalo por ali fora... E também quando caiu pela cascata quando tentava atravessar um rio a pé... E se esquecermos quando queimou os pés por ter adormecido no momento em que os aquecia à fogueira... Para além disto, tudo bem!

Laçarote parou.

“Hum... estranho, não conheço este local. Aha! Já sei. Como não conheço, só pode ser o mundo desconhecido! Brilhante!” disse muito

⁶ Nalgum sítio

⁷ Com mais valor

convencido para o seu cavalo. E continuou, “agora só falta encontrar o castelo onde a nossa princesa está presa na torre.”

E lá foram, perguntando aqui e ali. “Castelo com torre?” “Por ali.” “Castelo com torre?” “Por acolá.”

Até que finalmente o valente Laçarote avistou um belíssimo castelo, rodeado de jardins coloridos com milhares de flores.

“Nada mau, nada mau, nem parece um castelo de um vilão. E devem estar a cozinhar, pelo fumo que se vê sair lá por trás...”

Nisto, ouviu um grito de socorro e avistou a tão ansiada⁸ princesa na janela da torre mais à direita. Esbracejava⁹ aflita e o nosso cavaleiro avançou rapidamente para lá. Agora sim, era a altura de tornar realidade o sonho que sempre tivera: ser o primeiro super-herói à face da terra! Colocou ao ombro uma das pequenas sacolas que trazia e desceu do cavalo. Olhou para cima e acalmou a princesa:

“Esperai, bela donzela, não tardarei a salvar-vos!”

Durante anos fora guardando teias de aranha, esperando um momento como este para as utilizar. Retirou da sacola uma boa quantidade daquela pasta pegajosa¹⁰ e dividiu-a pelas duas mãos. O primeiro super-herói Cavaleiro-Aranha estava pronto a salvar a princesa. Começou então a trepar a torre, colocando as mãos aqui e ali, subindo com a facilidade de uma aranha.

⁸ desejada

⁹ Agitava os braços

¹⁰ Que se colava a tudo

Quando chegou lá acima segurou a princesa, colou uma boa porção de pasta peganhenta ao telhado, mesmo por cima da janela, e foi descendo lentamente com a princesa, como de uma corda de borracha se tratasse.

Uma vez no chão, sentou-a consigo no cavalo e iniciou uma correria sem sequer dar tempo da princesa falar. Após alguns quilómetros, livre de perigo, parou e finalmente disse:

“Minha bela, estais salva.”

“Agradeço-vos, meu nobre e valente cavaleiro. Mas não era necessário virdes até tão longe” disse a princesa.

“Não?” perguntou Laçarote surpreso¹¹. “Mas o vilão poderia perseguir-nos.”

“Vilão? Que vilão? Eu moro ali. É o meu castelo. O único problema é que havia fogo na cozinha, por isso eu estava pedindo ajuda!”

Laçarote sorriu ligeiramente fazendo cara de parvo, virou-se para o seu querido cavalo e disse:

“Bolas! Salvei a princesa errada!”

¹¹ admirado